

Sumário

Prefácio — <i>Marcelo Coelho</i>	7
Introdução	11

NA ESCOLA

Educação e imitação	15
Escola: fábrica de cidadãos	19
Criativo porém eficiente	23
Os segredos de cada um	27
Pensar não é fácil	31
Apatia ou preguiça?	35
Dissimular para aprender.....	39
Repetir até acertar	41
Desconforto e aprendizagem	47
Um recreio à moda antiga	51
A regra libertadora	55

Malqueridos mestres	59
Visibilidade (e \$) para os professores	65

EM CASA

O sonho dos pais	71
O caráter revolucionário da rotina	77
Organizando a curiosidade	81
Equilíbrio do casal	87
O público e o privado	91
A geração dos “mexe com”	95
... e eu chorei!	99
Internet em vez de rua	103
Deixe o desejo crescer	109
Celebrações	113

Prefácio

NÃO ENTENDO NADA DE TEORIAS PEDAGÓGICAS, MAS COMO PAI DE DOIS FILHOS PEQUENOS (5 E 7 ANOS) TENHO PERCEBIDO ULTIMAMENTE UMA SITUAÇÃO QUASE DRAMÁTICA — EM ESPECIAL QUANDO SE TRATA DE ESCOLHER UMA ESCOLA PARA AS CRIANÇAS.

7

Há cerca de vinte ou trinta anos, as opções com que os pais se defrontavam eram claríssimas: ou punham os filhos numa escola tradicional (com notas de zero a dez, investimento na memorização, obediência ao professor) ou numa escola (o termo é da minha época) “experimental”, mais relaxada e interativa, menos autoritária.

Vivi na carne esse dilema. Dos 6 aos 8 anos, frequentei uma escola “tradicional”. Havia fila para entrar na classe, o recreio era policiado por bedéis, ganhavam medalhas os alunos que mais se destacassem no final do ano.

Eu detestava aquele esquema: criança racional, comportada e precoce, aprendi a avaliar a qualidade de cada escola pelo estado dos banheiros disponíveis. O banheiro do Dante Alighieri era imundo, infernal, vomitivo.

Felizmente, meus pais se decidiram a mudar-me de escola. Fui jogado no quarto ano do primário do Vera Cruz, onde o respeito ao aluno e a liberdade em classe eram bem maiores.

Eu tinha, a cada segunda-feira, de pegar as tarefas da semana: uma série de exercícios de matemática, geografia, história e português me aguardava, em folhas azuis mimeografadas e protegidas numa capa de plástico. Bastava desincumbir-me das tarefas propostas (coisa que eu conseguia nas quartas e quintas-feiras) que o espaço imenso do recreio se adiantava para mim.

Foi no recreio, contudo, que deparei com algo que não existia no tradicionalíssimo Dante Alighieri: a violência e a repressão, não dos bedéis e vigilantes, mas dos meus colegas.

Até hoje oscilo entre qual repressão é a melhor. Uma escola supostamente “libertária” me parece, muitas vezes, chancelar nos seus recreios um estado natural hobbesiano (“o homem é o lobo do homem”), que prejudica os mais delicados, os que se inclinam naturalmente à ordem e à justiça. Escolas repressivas, como a que conheci por alguns anos, premiam os bons alunos (foi o meu caso), mas tendem a torná-los indefesos diante da violência alheia. Tendem, ademais, a criar nos pequenos alunos uma subserviência detestável ao poder.

Os textos deste livro de Anna Veronica Mautner procuram balancear, com grande sabedoria, o “moderno” e o “tradicional” em matéria de educação. Evidentemente, não se pode abafar a curiosidade das crianças. Estimular o seu senso de procura e de perplexidade é tarefa de qualquer escola que se preze.

Ao mesmo tempo, é preciso temperar o “espontaneísmo” pedagógico com a atenção a alguns valores que, salvo engano, perdem-se nas ideologias excessivamente progressivas. A imitação, a cópia, a rotina constituem hábitos que podem tornar mais eficaz, mais concentrado, o revolucionário do futuro.

Como educar esse jovem, que será encarregado de mudar o nosso mundo (mundo que precisa de mudan-

ça), sem conceder de graça coisa nenhuma a suas fáceis revoltas, a seu comodismo, a talentos protegidos em clima artificial de estufa?

Estas as angústias de Anna Veronica Mautner, expressas sem drama, mas sem concessões, nos artigos que o leitor terá o prazer de ler nas próximas páginas.

Marcelo Coelho

Introdução

DESENVOLVER TOLERÂNCIA À FRUSTRAÇÃO E, AO MESMO TEMPO, ABRIR PASSAGEM PARA INSTAURAR O PENSAR TÊM SIDO MINHAS PREOCUPAÇÕES CONSTANTES AO OBSERVAR OS OUTROS.

II

O pensamento é um jeito de avaliar a distância entre desejo e possível frustração no caminho de sua realização. Pensar não se herda — desenvolve-se passo a passo no viver a vida e está na dependência direta da qualidade da relação entre as pessoas.

Relações boas geram melhor tolerância à frustração e, portanto, mais espaço para o pensar.

Espero contribuir para a compreensão desse mecanismo, mesmo que de maneira desordenada e aparentemente caótica, com os artigos que compõem este livro.

A autora

Na escola

Educação e imitação

DIZ O DICIONÁRIO QUE EDUCAR É FORMAR INDIVÍDUOS APLICANDO-SE MÉTODOS ADEQUADOS QUE PODEM VARIAR DE ÉPOCA A ÉPOCA. Durante os anos de desenvolvimento, adotamos forma física e mental com vista a nos tornarmos pessoas adaptadas ao mundo em que nascemos.

15

Nada mais significativo do que lembrar as famosas crianças-lobo, o raríssimo caso observado e estudado à exaustão no século passado. Ele nos esclarece algumas coisas sobre a missão do educador. Genética e neurologicamente, essas crianças eram humanas, mas cresceram sem jamais ter visto um ser humano.

Tinham a completa condição orgânica para se tornar humanos como qualquer um de nós. Criados e alimentados por uma loba, uivavam, apesar de serem dotados de aparelho fonador — pelo qual poderiam articular sons muito mais complexos do que o uivo. Andavam de quatro, apesar de terem sistema neurológico de bípedes. Isso demonstra a importância da pessoa próxima, que acaba por funcionar como modelo a ser imitado. Propiciar oportunidade para imitar é um passo decisivo. Quanto mais interação, maior frequência de encontros, melhor resultado.

16

Servir de modelo para a criança aprender a usar seu corpo na forma humana parece tarefa fácil, pois todo e qualquer pai quer ter filhos à sua imagem e semelhança. A humanização, no entanto, não acaba aí. A aptidão para seguir modelos deve ser mantida por toda a vida e funcionar como se fosse uma verdadeira bússola, indicando o caminho do crescimento, da aquisição de cultura, da renovação, dos meios para se reproduzir como organismo e até de como envelhecer.

Não somos apenas o que comemos ou como lidamos com a dor e outros desconfortos. Somos também curiosos, ávidos por melhor conhecer o mundo em tor-